

A Matemática nos Primeiros Anos — XIII Encontro Nacional

Helena Amaral, Pedro Almeida

As semanas da Páscoa aproximavam-se e não havia sinais do esperado *Encontro Nacional de Professores — A Matemática nos Primeiros Anos*. Alguns professores mais atentos telefonavam para a sede da APM a perguntar a razão de não haver informação na página. Sentia-se a falta! E foi já nas semanas do 2º período que se anunciou o encontro para um único dia, um sábado, 24 de Abril, na Escola Secundária Josefa de Óbidos, em Lisboa.

Tal como em todos os outros, a realização deste encontro foi uma aventura, provavelmente pelas razões de sempre: a pouca disponibilidade que os afazeres do quotidiano da escola nos deixam. Mas a vontade de manter vivos os espaços de partilha e de reflexão da prática docente continua a vencer as contrariedades.

Foi um encontro em formato reduzido, que suscitou alguns «soube a pouco» no final. No entanto, o ambiente acolhedor e o envolvimento dos participantes possibilitou uma experiência semelhante à dos anos anteriores.

Pela manhã, um painel de professores de quatro agrupamentos da região de Lisboa deu testemunho das formas como a gestão curricular, no que respeita a planificação e avaliação, está a ser posta em prática. As diferentes experiências evidenciaram o maior ou menor impacto que o facto de estar a ser experimentado o novo programa tem tido na organização das escolas e nas formas dos professores se organizarem para concretizarem na prática os desafios do PMEB. Realçou-se a necessidade de um maior encontro entre todos os professores, uma maior partilha de planificações, tarefas e a reflexão em torno do que acontece efectivamente na sala de aula. O facto dos professores envolvidos nas diferentes experiências terem frequentado o Programa de Formação Contínua de Professores, foi referido como um contributo relevante, a par de outros espaços e tempos de encontro entre os professores, e de como estes constituem um desafio que depende da vontade dos professores e seu esforço pessoal, sacrificando tempo da vida privada.

Nos locais onde a experiência decorre pelo segundo ano, percebeu-se que a estruturação de rotinas e estratégias de planificação suportam o trabalho do professor de forma efectiva. Apesar de referidas as dificuldades de iniciar um novo percurso, perceberam-se as vantagens de ter uma base de planificação e como é compensador e interessante ter uma prática partilhada e reflectida em conjunto.

As três conferências temáticas que se seguiram abordaram questões como as conexões de temas dentro e fora da Matemática numa perspectiva prática, o desenvolvimento do sentido do número no que respeita à selecção de tarefas e a comunicação matemática como forma de desenvolvimento do raciocínio a partir da resolução de problemas (*Conexões matemáticas num projecto de natureza interdisciplinar; desenvolver o sentido do número — práticas do profes-*

sor; resolver problemas, raciocinar e comunicar para aprender Matemática: contornos e desafios). Em todas as abordagens as questões relativas ao ambiente de sala de aula e ao papel dos professores assumiram especial relevo. As conferências foram sustentadas por experiências de sala de aula, de diferentes anos de escolaridade e problematizaram a construção de ambientes de aprendizagem significativos, quer pela selecção das tarefas propostas, quer pela metodologia de organização da aula que conduza a fazer emergir e apoiar um discurso matemático favorável à compreensão de ideias matemáticas fundamentais e suas relações. Abordando os desafios que se colocam aos professores na praxis de aulas deste tipo realçou-se sempre o envolvimento dos alunos em actividades que lhes permitissem a fundamentação de raciocínios e a formulação, avaliação e testagem de conjecturas, em que a procura e pesquisa adquirem um lugar de destaque.

No período da tarde, o encontro desenvolveu-se em seis sessões práticas. *Geometria e Visualização* permitiu experimentar um conjunto de tarefas sobre figuras geométricas, dando especial ênfase à visualização para além de problematizar o desenvolvimento de raciocínios geométricos, sem descuidar os conhecimentos de geometria. A geometria também foi abordada num ambiente de Geometria dinâmica — o Geogebra. A partir da exploração de tarefas passíveis de serem implementadas numa aula de 1º ciclo, apresentaram-se as potencialidades da utilização de um programa deste tipo no que refere a visualização e propriedades de figuras geométricas no plano, na sessão *Uma visão dinâmica da Geometria oferecida pelo Geogebra. Um caso a pensar?*

Resolução de Problemas envolvendo números racionais foi o título dado a uma sessão onde para além dos conceitos matemáticos se visou a construção de tarefas significativas para a compreensão das operações com números racionais, sem esquecer as capacidades transversais e a atenção à explicitação dos raciocínios dos alunos. Outros aspectos inovadores no PNEB como a organização e tratamento de dados, a iniciação ao pensamento algébrico e o cálculo mental foram explorados em outras três sessões — *O que necessitamos saber «de matemática» para ensinar Otd: discussão e reflexão sobre um conjunto de tarefas; O desenvolvimento de ideias algébricas nos primeiros anos de escolaridade; Cálculo mental: o que é?*

No fim de um dia de trabalho intenso, quem nos visitou a meio do dia «não encontrou ninguém nos corredores», encerrámos com uma visão geral organizada a partir de imagens recolhidas e agradecemos à escola que nos recebeu. Com os costumeiros lamentos de que «não houve tempo para ver tudo o que se queria» e o sentimento de que «foi pouco» despedimo-nos até aos próximos encontros.

Helena Amaral, EB1 Parque Silva Porto
Pedro Almeida, ESE de Lisboa